

Da Fábrica do Mundo à Grande Potência: o mistério chinês
From the Factory of the World to Great Power: the chinese Mystery
De la Fábrica del Mundo al Gran Poder: el misterio Chino

Recebido: 07/06/2020 | Revisado: 14/06/2020 | Aceito: 23/06/2020 | Publicado: 05/07/2020

Andréa Bittencourt Pires Chaves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0247-9265>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: andreachaves@ufpa.br

Resumo

Este estudo se insere no panorama das inquietações sobre a compreensão dos fatores presentes na dinâmica do desenvolvimento chinês. O objetivo norteador foi identificar e analisar os pontos relevantes do desdobramento do dinamismo chinês na direção da sua posição hegemônica no cenário internacional. Os estudos sobre o tema, demonstram o preponderante papel do Estado na ação coordenadora dos vetores responsáveis pelo sucesso do país em âmbito mundial. A organização de Zonas Econômicas de produção inseridas em um conjunto de investimentos infraestruturas de notável envergadura, a educação com incentivo à produção científico-tecnológica e a construção da vanguarda do novo varejo utilizando a inteligência artificial são elementos de destaque no milagre chinês. À guisa conclusiva revela as características onipotentes do Estado na condução das reformas responsáveis pela inserção da China no cenário internacional. Na posição de protagonismo das ações, o Estado Chinês, organizou um conjunto de reformas garantido condições para o estabelecimento de uma economia de mercado sem abrir mão da centralização política do Partido Comunista.

Palavras -chave: China; Intervenção estatal; Desenvolvimento.

Abstract

This study is part of the panorama of concerns about the dynamics of chinese development. The guiding objective was to identify and analyze the relevant points of the unfolding of chinese dynamism towards its hegemonic position in the internacional scenario. Studies on the subject demonstrate the preponderant role of the State in coordinating action of the vectors responsible for the country's success worldwide. Investments in infrastructures of remarkable scope, organization of production zones, education with incentive to scientific-technological

production and the construction of the vanguarda of the new retail using artificial intelligence are outstanding elements of the chinese miracle. By way of conclusion, it reveals the omnipotente characteristics of the State in carrying out the reforms responsible for the insertion of China in the international scenario.

Keywords: China; State Intervention; Development.

Resumen

Este estudio es parte del panorama de preocupaciones sobre la dinámica del desarrollo chino. El objetivo rector era identificar y analizar los puntos relevantes del desarrollo del dinamismo chino hacia su posición hegemónica en el escenario internacional. Los estudios sobre el tema demuestran el papel preponderante del Estado en la coordinación de la acción de los vectores responsables del éxito del país en todo el mundo. Las inversiones en infraestructuras de notable alcance, la organización de zonas de producción, la educación con incentivos a la producción de la vanguardia del nuevo comercio minorista utilizando inteligencia artificial son elementos sobresalientes del milagro chino. A modo de conclusión, revela las características omnipotentes del Estado en la realización de las reformas responsables de la inserción de China en el escenario Internacional.

Palabras clave: China; Intervención del Estado; Desarrollo.

1. Introdução

O presente estudo aborda a constituição da China como epicentro da economia mundial nas últimas décadas. O objetivo norteador foi identificar e analisar os pontos relevantes do desdobramento do dinamismo chinês na direção da sua posição hegemônica no cenário internacional.

O texto encontra-se dividido com a finalidade de revelar, no decurso da exposição, os elementos intrínsecos ao desenvolvimento chinês mediatizado pela presença incisiva da ação estatal organizando o espaço de produção por meio da implementação de importantes reformas. Neste contexto, é colocado em evidência a liderança de Deng Xiaoping conduzindo o processo para a proeminência do país em âmbito mundial. Um passo importante foi a implantação de Zonas Econômicas destinadas a estruturar a industrialização do país de maneira descentralizada, fomentando o desenvolvimento local. Tratou-se de uma fórmula de industrialização e crescimento econômico com um selo tipicamente chinês.

O funcionamento da produção esteve o tempo todo explicitamente orquestrado pela inovação, com uso intensivo de força de trabalho e produção de ciência e tecnologia. Destarte, tal projeto só foi possível de ser alcançado pelo investimento encorpado na área educacional, em todos os níveis de ensino.

Enveredar pela sinergia operacionalizada no pacífico asiático é de suma relevância para a compreensão do cenário internacional e, especificamente, traz uma contribuição para o entendimento do contexto global na esteira dos acontecimentos mundiais no século XXI.

2. Metodologia

A pesquisa em tela decorreu da revisão da literatura com “um balanço crítico interpretativo” (Loureiro, 2018, p. 361). Sua construção foi baseada no procedimento descritivo, considerando os princípios apresentados por Marconi & Lakatos (2002, p. 20) “descrição, registro, análise e interpretação” do fenômeno.

O levantamento de dados qualitativos foi a escolha empregada na pesquisa por meio da revisão bibliográfica, tendo como base a teoria de análise destinada a compreensão do mecanismo político, social e econômico presente no pacífico asiático. A referida revisão proporcionou condições analíticas para compreensão das categorias centrais posta em questão: Estado, economia de mercado e desenvolvimento no contexto chinês.

3. A Ascensão de Deng Xiaoping e As Reformas Chinesas

A China, no final da Segunda Guerra Mundial, amargava a posição de país em situação de extrema pobreza (Arrighi, 2008). Não obstante, o cenário sofreu profunda inversão e, no final dos anos de 1980, o continente asiático foi marcado pela ascensão chinesa. No período de 1988 e 2008, esse país se tornou o principal beneficiário da globalização, gerando postos de trabalho e constituindo uma classe média emergente, situação responsável pela retirada de chineses da condição de miséria.

Como basilar consequência está o fato do mundo ocidental perder milhares de postos de trabalho para a Ásia. Por outro lado, o protagonismo chinês proporcionou um significativo aumento dos rendimentos para a sua população em meio a revolução da tecnologia de informação (Piketty, 2014).

Mas qual o mistério do crescimento econômico e da melhora da vida da população chinesa? Para a literatura vigente a resposta está na organização política e nas medidas

administrativas estatais implantadas pela reforma instituída por Deng Xiaoping no período de (1976-1997). A proposta reformista asseverou um programa com quatro pilares: agricultura, indústria, defesa nacional e ciência-tecnologia (Oliveira, 1993).

Um importante destaque para o processo da reforma foi o sistema político chinês. Este possui uma estrutura descendente muito semelhante à China imperial, com uma burocracia comunista. “A burocracia controla o sistema judiciário, mas permite alguma flexibilidade política entre unidades descentralizadas a nível regional, tais como províncias e até municípios” (Milanovic 2017, p. 189). O sistema orchestra a combinação entre o poder central do Partido Comunista e as esferas locais, com singular movimento de autonomia e flexibilidade, correspondendo às propostas do Estado.

Geromel (2019) destaca o papel dos governos locais na atuação de frentes de investimentos para produção de tecnologia de acordo com as diretrizes do governo central. Portanto, é pertinente ressaltar que a vontade política e a decisão governamental forjam o princípio condutor da transformação da China em uma superpotência. Este processo foi pautado na inovação tecnológica com investimento direto e, também, utilizando mecanismos indiretos, como os benefícios fiscais. O resultado foi um crescimento econômico significativo e uma produção de tecnologia surpreendente, tendo como carro chefe a expansão de registro de patentes, principal nódoa da inovação tecnológica.

As reformas de Deng Xiaoping iniciaram com as mudanças no setor rural chinês. “A China introduziu o sistema de responsabilidade (posse privada efetiva das terras) em zonas rurais e o crescimento aumentou subsequentemente” (Milanovic, 2017, p. 176). Tratou -se de alterações realizadas entre os anos de 1978 a 1991, saindo do formato da comuna agrária, do período de Mao Tsé-tung, para o estabelecimento da propriedade individual por meio do sistema de responsabilidade familiar.

Esclarece Oliveira (1993, p. 31): “As famílias camponesas recebem as terras, pelo prazo renovável de 15 anos, para plantarem o que quiserem. Em troca, entregam ao governo central 9% da sua produção, recebendo ainda sementes, fertilizantes e equipamentos para prepararem o terreno”.

A reforma agrícola conduziu a formação das Zonas Econômicas Especiais- ZEEs. Na década de 1980, e ao longo dos anos seguintes, foi o fator principal à conduzir a economia da China à bolsa de valores de Xangai. Segundo Milanovic (2017, p. 40), “O rendimento urbano médio na China duplicou e os rendimentos rurais aumentaram 80 por cento”.

Com a implantação das ZEEs aconteceu a transferência de trabalhadores rurais para fábricas em um movimento local, sem provocar êxodo rural para os espaços mais urbanizados

da China, escapando dos problemas vivenciados pelos setores industrializados das cidades ocidentais. Tratou -se de uma inteligente e acertada estratégia de desenvolvimento local de sucesso (Arrighi, 2008).

O plano de reformas adotou mecanismos de abertura da economia, no sistema socialista, inaugurando o socialismo de mercado, arregimentando capital estrangeiro (Oliveira, 1993). As ZZEes se tornaram espaços para a concorrência entre as empresas estatais e estrangeiras. Na implementação da política tecnológico-industrial a empresa estrangeira ingressou no mercado chinês por meio da *joint venturi* (Oliveira, 1993). Desta maneira, foi conformada a relação sino-estrangeira.

A adoção do mecanismo de *joint venturi*, nas observações de Mescollotto (2018, p. 33), “permitiu a entrada de empresas estrangeiras no país, para formação de aliança com as empresas nacionais, a China passou a integrar o processo de globalização mundial e a ser bastante beneficiada por isso”.

De acordo com Arrighi (2008) a China está dividida em três conglomerados industriais: o delta do rio Pérola com a presença de indústrias com uso intensivo de força de trabalho; o delta do rio Yang-tsé, com indústrias ligadas ao uso intensivo de capital e Zhongguan Cun, em Pequim, atuando como o vale do silício chinês.

As ZZEes funcionam como incubadoras de inovação, engendrando pesquisa para produção tecnológica, segredo do milagre chinês. Por essa via, a política industrial acaba quebrando a dependência com países estrangeiros e garantindo recursos tecnológicos nacionais ao ponto de alcançar a produção e a exportação de inteligência artificial na vanguarda internacional. Importante salientar que para alcançar todo o dinamismo nas ZZEes, foi necessário vultosos investimentos em infraestrutura.

4. Investimentos em Infraestrutura

O desenvolvimento das ZEEs foi revestido da ação estatal na composição de equipamentos essenciais para o processo produtivo, partindo das construções de engenharia hidráulica, visando a irrigação da agricultura, até o proeminente sistema portuário e toda a logística para a exportação industrial. Além disso, empresas estatais de petróleo e gás natural foram colocadas de pronto para garantir a matriz energética do processo de produção (Oliveira, 1993).

Segundo Mescollotto (2018, p. 83), “projetos de infraestrutura nacional, como ferrovias, rodovias, pontes, projetos relacionados ao armazenamento e fornecimento de água e de energia”

foram basilares para preparar a China na direção do desenvolvimento, criando o cenário necessário à industrialização do país.

Para Arrighi (2008), no conjunto das obras implantadas na China está a atuação do Estado forte, comprometido com favoráveis condições de reprodução do mercado, sem abrir mão das regulamentações e das intervenções corretivas. Para tanto, o Estado destinou recursos financeiros, subsídios e serviços públicos de segurança e de educação.

Corroborando na mesma direção, Jabbour & Paula (2018, p. 03), realçam: “A centralidade do papel do Estado e a interação entre instituições, sistema financeiro público e grandes conglomerados estatais em setores-chave da economia como elementos fundamentais à explicação do sucesso chinês”.

Nesta análise, é pertinente ressaltar a intensidade do financiamento público no processo de industrialização da China. Com observações semelhantes, destaca Geromel, (2019, p.52): “A China vai na contramão: por aqui amputaram a mão invisível. Pois a mão é muito visível, musculosa, vermelha, da cor do partido”. Portanto, a intervenção estatal está coeva como marca suprema do desenvolvimento chinês reproduzindo a relação pertinente a consagração do capitalismo pela mão do Estado.

O governo chinês não implementou as medidas neoliberais presentes no Consenso de Washington, receituário seguido por países emergentes nos anos de 1990. Ideia de Estado mínimo e diminuta regulação estatal não compuseram o tom da reforma chinesa. Segundo Arrighi (2008, p. 361), “a desregulamentação e a privatização foram bem mais seletivas e avançaram em ritmo bem mais lento do que nos países que seguiram a receita neoliberal”.

O Estado chinês teve um papel relevante no processo de transformação industrial, sobretudo por ser ousado ao abdicar dos planos de desenvolvimento *mainstreame* (corrente principal da economia), como o Consenso de Washington (Mescollotto, 2018). Desta maneira, o Estado optou por abraçar um caminho diferenciado, no qual ele se fez protagonista.

O Estado realizou investimentos em infraestrutura de envergadura inumerável compondo o projeto industrial de desenvolvimento nas ZEEs fundamentado no tripé ciência, tecnologia e educação superior, visando adquirir competitividade e integrar sua produção às cadeias globais (Arrighi, 2008).

A ZEEs foram “pilares básicos da abertura para o exterior e da captação de capital estrangeiro voltado para a exportação, experimentando extraordinário e interrupto progresso desde a sua instalação” (Oliveira, 1993, p.91).

Para Mescollotto (2018, p.18) “Deng Xiaoping além de investidor, foi também um grande incentivador das empresas, tanto nacionais quanto internacionais, para que houvesse

troca de informações entre elas, beneficiando o país”. O resultado das medidas do Estado chinês, durante o governo de Deng Xiaoping, colocou o país na condição de fábrica do mundo.

5. Fábrica do Mundo: a terceirização da produção

A China iniciou sua acessão econômica servindo de chão de fábrica para as principais marcas industriais ocidentais em decorrência das transformações tecnológicas ocorridas no Japão e responsáveis por instituir a reestruturação da planta produtiva capitalista, com mudanças técnicas e organizacionais, utilizando o mecanismo da terceirização. A tática chinesa foi atrair novas tecnologias via investimentos estrangeiros diretos em meio a uma política aguerrida de exportações (Jabbour & Paula, 2018).

Proposital destacar que o processo de reestruturação produtiva foi resultado da pressão pela elevação dos salários exercida pela força de trabalho no mundo ocidental e, portanto, diminuição da acumulação capitalista. A técnica da terceirização foi implementada em solo nipônico com a finalidade de baratear o processo produtivo com o deslocamento do chão de fábrica para espaços geográfico fornecedores de força de trabalho abundante e com baixos salários, concretizado condições favoráveis para a subordinação do trabalho ao capital, essencial para a competitividade capitalista (Chaves, 2004).

Nas palavras de Arrighi (2008, p. 90) “a mudança técnica e organizacional não é neutra para as classes”. Trata-se de uma estratégia racionalizada da redução do valor do processo produtivo as custas do trabalho alheio e o continente oriental asiático foi o lócus real para a reorganização da divisão internacional do trabalho disponibilizando força de trabalho barata, dócil e escolarizada.

“A grande empresa com estrutura vertical, nacional e separação das funções entre pessoas” (Arrighi 2008, p. 23) é substituída por formas flexíveis organizacionais utilizando: “modelo de redes multidimensionais posto em prática por empresas de pequeno e médio porte e o modelo de licenciamento e subcontratação de produção” (Castells, 2000, p. 181). Neste contexto, o processo produtivo e a distribuição das mercadorias foram facilitados pela tecnologia da informação, responsável por facilitar a comunicação entre empresas a longa distância.

As empresas da Ásia, segundo Castells (2000, p. 193): “adaptaram-se mais rapidamente que as de qualquer outra região do mundo às novas tecnologias e às novas formas de concorrência global, alterando o equilíbrio do comércio mundial e da acumulação de capital a favor do pacífico asiático”.

Uma dinâmica de redes de empresas do pacífico asiático formou o padrão de produção para comercialização por meio de intermediários, no formato da empresa *Wal-Mart*, distribuindo para consumidores no mundo e modificando a relação capital-trabalho com a diminuição salarial. “*Wal-Mart* é um explorador extremamente inovador das fontes mais baratas de oferta e das técnicas mais eficientes de aquisição e distribuição” (Arrighi, 2008, p. 181).

Nos dias atuais, despontando como uma superpotência, a China arregimenta a produção mundial e desloca o centro dos negócios mundiais para o seu território em proporções superlativas ao ponto de fragilizar a hegemonia dos Estados Unidos. Como garante Arrighi (2008, p. 24) “A China vem substituindo os Estados Unidos como principal motor de expansão comercial e econômica na Ásia oriental e em outras partes do mundo”.

A avalanche chinesa, em âmbito internacional, alcança dimensão inesperada em termos geopolíticos e chega ao ponto de ser protagonista de uma guerra comercial, estabelecendo uma interligação de dependência mútua sino-americana. No entendimento de Arrighi (2008, p. 23) “O poder dos Estados Unidos, depende igualmente, ou ainda mais, da importação de mercadorias chinesas baratas e da compra, por parte da China, de títulos do Tesouro norte-americano”. A dependência da produção chinesa no mundo encontra-se em nível vertiginoso onde é possível assegurar, sem riscos de exagero, que os chineses detêm o poder de desligar a economia mundial com um simples “desplugar” de tomada no seu espaço fabril.

A importância comercial da China no mundo já é fato e viabilizou o início da fase de internacionalização do Estado chinês, via o plano estratégico chamado *Going Global*, na procura por insumos e chance de novos negócios para a continuidade de favoráveis resultados econômicos. “O investimento direto chinês no mundo cresceu mais de 26 vezes entre 2000 e 2014, saindo de US\$ 27,8 bilhões para US\$ 730 bilhões.” (Leão & Puty, 2018, p. 02).

6. A Fábrica do Mundo Rumo à Inteligência Artificial

O processo de industrialização chinês iniciado com fábricas responsáveis por abastecer o mercado mundial com mercadorias de baixo custo alavancou condições para uma trajetória rumo à inteligência artificial e impulsionou a dinâmica da China na direção do domínio tecnológico, conseqüentemente, na sua posição hegemônica no século XXI (Piketty, 2014).

O salto do país pode ser expresso na envergadura alcançada no mundo dos negócios. De acordo com Geromel (2019) a China possuía, em 2019, 202 unicórnios, nome de um animal mitológico que serve de alcunha para a empresa que alcançou um valor de mercado de 1 bilhão

de dólares com capital fechado, ou seja, sem ações ofertadas na bolsa de valores. O valor de mercado de uma empresa está relacionado a quanto o investidor se propõe a pagar por ela.

A empresa de tecnologia, *startup*, apresenta características singulares como Unicórnio e desponta como o filão da atualidade por meio do uso de inteligência artificial. Trata-se de um tipo de empresa lançada em um cenário de trabalho intensivo, em meio a rompantes de ideias inovadoras, produzindo programas computacionais chamados de Aplicativos (*Apps*). Este formato de empresa configura o modelo de negócios pautada na comercialização de mercadoria e nos dados dos clientes usuários do *Apps*, conhecido como capitalismo de plataforma (Silva Neto, 2019).

Apps são miniprogramas complexos e resultam de significativo aporte de capital, precisam de investidores disponibilizando capital de risco para tirar seu projeto do papel. A fase inicial de uma empresa de *Apps* não é destinada ao lucro, mas, sim, a ampliar o seu mercado de atuação, arregimentado milhares de usuários (Geromel, 2019).

O governo chinês se configura como o principal investidor de capital de risco do mundo, fomentando *startups* de inteligência artificial na produção de *Apps*. Sem tal aporte de capital, não seria possível formar ecossistema de inovação tecnológica para a concorrência em âmbito internacional.

O empreendedor de uma *Startup* é um jovem com ideias inovadoras de ação para elaborar um recurso tecnológico destinado a alcançar clientes e valores exponenciais fornecendo algum serviço por *Apps*, configurando um novo modelo de negócios. Poucas *Startup* alcançam sucesso, mas todas estão relacionadas a horas incontáveis de trabalho árduo e precário, buscando financiamento para, talvez, ingressar no promissor mercado digital (Chaves, 2020, p. 09).

O Estado como investidor de capital de risco no fomento da inovação tecnológica fez a diferença na China. Nas palavras de Jabbour & Paula (2018, p. 11): “ação do Estado sobre o conjunto da economia, tendo em grandes conglomerados empresariais estatais os agentes de execução direta, e tendo como lastreador financeiro um profundo e complexo sistema nacional e estatal de financiamento”.

De acordo com Piketty (2014, p. 76), “a potência pública (um governo)” levou a China ao destaque de inovação tecnológica mundial. Desta forma, o sistema estatal de financiamento chinês foi o importante vetor para conduzir o país aos *status* de potência financeira *pari passu* com os Estados Unidos.

Do lado chinês estão as empresas *Baidu*, *Tencent* e *Alibaba*, resumidas na sigla “BAT” e, do outro lado, seus concorrentes estadunidenses, *Facebook*, *Amazon*, *Microsoft* e *Apple*, conhecidos pela sigla “FAMGA” (Geromel 2019). Os resultados dos investimentos do Estado

chinês são refletidos na atualidade da tecnologia digital dos *Apps*, configurando o novo varejo e implantando um modelo de negócios baseado no uso intensivo de tecnologia via inteligência artificial com a China despontando como o país mais digitalizado no planeta (Chaves, 2020).

Plataformas digitais instituem a configuração do *e-commerce* dando corpo ao novo varejo ou, como dito anteriormente, o capitalismo de plataforma. Uma importante característica do segmento é a venda de dados via sistema de algoritmo, principal forma de extrair riqueza, sendo o cliente a principal mercadoria, pois a empresa comercializa, com os atacadistas, as informações das preferências de consumo de seus usuários (Geromel, 2019).

A cultura do trabalho 996 é tida como um importante vetor para a velocidade do crescimento da economia chinesa. Às 09 da manhã é iniciada a jornada de trabalho; às 09 da noite é a hora de encerramento da jornada de trabalho, estendido aos 06 dias da semana, esclarece Geromel (2019), sobre as prolongadas horas de trabalhos durante toda a vida.

Para a execução de ideias inovadoras na área de inteligência artificial se faz necessário volumes vultuosos de capital destinados ao desenvolvimento da ciência e tecnologia. No caso chinês, os resultados à nível de desenvolvimento de sucesso alcançados, são resultantes dos longos anos consecutivos de investimento em educação.

7 A Educação como Propulsora do Sucesso Chinês

A revolução educacional na China teve início com a alfabetização primária da população no período de Mao Tsé-tung na ocasião da fundação da República Popular da China, em 1949, e foi expandida no período de Deng Xiaoping com universidades estatais, formando milhões de chineses (Arrighi, 2008).

A educação foi fundamental para a transformação da China na direção da inovação tecnológica como explicam os estudos de Geromel, (2019); Milanovic, (2017), Piketty (2014) e Arrighi (2008). A importância da educação não se deu apenas pela universalização da alfabetização entre a sua população, mas também pela produção e difusão da ciência e da inovação tecnológica via universidades públicas.

O governo chinês investiu recursos no programa nacional de formação superior encaminhando estudantes para as principais universidades do mundo e, o retorno, foi permeado de incentivos com oportunidades de trabalho. Para o Estado chinês, a canalização de políticas públicas para jovens estudarem no exterior foi fundamental para o intercâmbio acadêmico e cultural, resultando numa dinâmica de transformação da produção de conhecimento dentro do país (Geromel, 2019) e (Arrighi, 2008).

Muitos estudantes chineses, oriundos de universidades estrangeiras, ocupam cargos de executivos, conhecidos como *Chief Executive Officer-CEO*, ou são cientistas dos programas de pesquisas nas universidades do país. O tom do projeto educacional chinês é sintetizado por Schmidt (2011, p. 24):

Bilhões de dólares em impostos são gastos na construção de parques científicos e tecnológicos, na criação de centros de pesquisa e laboratórios, na expansão e melhoria da universidades, na concessão de bolsas, na atuação de profissionais nativos enviados ao exterior para estudos avançados e/ou na contratação de pesquisadores estrangeiros.

Na vanguarda mundial, o sistema educacional chinês já utiliza tecnologia de reconhecimento facial para controle da frequência e atenção do aluno em sala de aula, visando maior aproveitamento escolar. Assim como, mantém um sistema de cotas universitárias para alunos oriundos das regiões menos privilegiadas em termos de desenvolvimento escolar (Geromel, 2019).

Na atualidade a educação na China é bipartite nas esferas pública e privada e, na era da tecnologia da informação, o país tem *startups* destinadas à educação, as *Edtech*, responsáveis pela elaboração de diversos recursos tecnológicos educacionais para aprimoramento da aprendizagem em destaque os planos de ensino individuais.

Todo o aparato institucional de educação contribuiu para a produção de conhecimento em integração com o sistema produtivo das ZEEs. O uso intensivo de tecnologia não suprimiu o uso intensivo de força de trabalho. Ambos estão lado a lado, em conexão: o sistema produtivo chinês aliou tecnologia e geração de postos de trabalho compondo um elemento primordial do milagre chinês, fazendo a diferença frente ao mundo. O volumoso investimento em educação derivou na modificação socioeconômica da sua população conduzindo a formação de uma classe média e esse é o tema a seguir.

8. A Formação da Classe Média Chinesa: resultado das reformas

A revolução comunista de 1949 transformou a classe média chinesa em classe operária. Nos anos de 1980, período da transformação do país na direção da economia de mercado, deu origem a uma classe média com inteligência produtiva e atração pelo consumo. Como explica Di (2012), as reformas deram a possibilidade de emergência da “classe média” contemporânea, sendo a atividade profissional e o setor industrial as variáveis principais para a sua distinção. A qualificação de classe média usada na pesquisa do referido autor está relacionada a ideia de

estratificação em relação ao estilo de vida e a práticas de consumo atrelada a orientação para o prazer e o conforto pessoal.

A literatura existente sobre a ascensão chinesa tende a focar a análise da dinâmica do país na direção da melhora da condição de vida da sua população e, por se tratar de um modelo de sociedade de mercado, o resultado incide na formação dessa classe média com acesso ao consumo. Além disso, a atenção governamental com a educação superior também desempenhou importante contribuição para a expansão das oportunidades contributivas para emergir a classe média chinesa.

Portanto, escolaridade, profissão e consumo são os elementos preponderantes do perfil da classe média na China. Para Di (2012, p. 212), “ a maioria da classe média nas cidades metropolitana se encontra em ocupações profissionais e técnicas ou é funcionário público”.

No entendimento de Geromel (2019), a condição de vida no território chinês alcançou um nível de qualidade de maneira acelerada originando uma classe média consumidora, fundamental para a sociedade de mercado. Uma economia baseada em duas décadas de crescimento superou a situação miserável da sua população e alavancou o consumo interno.

Di (2012) também assevera a importância do poder econômico interno, impulsionado pela cultura do consumo da classe média, com diferentes gostos e desejos para inúmeros objetos e lazer, assumindo um relevante papel para a economia chinesa.

Com a ampla geração de empregos, a China se tornou o principal motor de arrefecimento da desigualdade no mundo (Milanovic 2017). Contudo, por trás do dinamismo chinês está a intensificação do trabalho e o processo de subsunção real do trabalho ao capital produzindo mais valia relativa (Marx, 1985). Portanto, é sempre pertinente lembrar da condição proletária da classe média e sua relação direta com o trabalho intensificado, por meio da difusão da ideia 996, vista anteriormente.

São inúmeras as críticas em relação a exploração do trabalho na China. Paulatinamente o governo chinês realizou mudanças para ampliação da “assistência médica, a educação e os benefícios previdenciários para os agricultores” Arrighi (2008, p. 32). O país aos poucos foi alterando as condições de trabalho de sua população. Contudo, há de se lembrar a exploração do trabalho como inerente a produção capitalista, mesmo quando este acontece em uma versão de economia de mercado socialista.

9. Considerações Finais

A China se tornou o novo centro da economia global por meio de uma estratégia política estatal desenvolvimentista empregando uma composição de tradição, autoritarismo e economia de mercado. Destarte, com a melhora das condições de vida de sua população, com excelente desempenho econômico e com a geração de postos de trabalho o governo garante apoio ao sistema político.

A política industrial, a instalação da ZEE e o sistema financeiro estatal conduziram o país a despontar no cenário internacional. Contudo, os investimentos em educação fizeram a diferença no arrasto da população para uma melhor qualidade de vida inserida no mundo do trabalho. Mas é relevante frisar as condições intensificadas em longas jornadas vinculadas a ideia 996, responsável pela precarização do trabalho na China.

Na atualidade a China impõe a sua presença no mundo e está na vanguarda do novo varejo com a utilização da inteligência artificial. O país promete dominar o mercado na área tecnológica com mudanças que irão distanciar concorrentes e legitimar seu papel hegemônico na economia mundial no século XXI. Não obstante, falar da China é sempre apresentar adjetivos de qualidade no superlativo em razão da envergadura alcançada pelo projeto nacional do Estado.

A receita chinesa está atrelada a relação de reestruturação econômica de acordo com os interesses nacionais assegurando a manutenção da estabilidade social com a geração de empregos. De toda maneira, a continuidade de novas pesquisas são fundamentais para intentar compreender os desdobramentos das relações econômicas na contemporaneidade.

Referências

Arrighi, G. (2008). Adan Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo.

Chaves, A. (2004). Reestruturação Produtiva nas Telecomunicações: a Telemar-Pa. Trilhas.5, (1), 31-40.

Chaves, A. (2020). Do Taylorismo Fordismo ao Capitalismo de Plataforma. Research, Society and Development. 9, (6), 1-15.

Castells, M. (2000) A Sociedade em Rede. v. 1. São Paulo: Paz e Terra.

Di, Zhu. (2012). A Classe Média Chinesa e seus Padrões de Consumo. *Sociologia & Antropologia*. 2, (03), 203-235.

Geromel, R. (2019). O Poder da China. São Paulo: Gente.

Jabbour, E. & Paula, L. (2018). A China e a Socialização do investimento: uma abordagem Keynes-Gerschenkron-Rangel-Hirschman. *Revista de Economia Contemporânea*. 22, (1), 1-23.

Leão, R. & Puty, C. (2018). A estratégia do investimento direto chinês e da atuação das empresas estatais no Brasil: uma análise do ingresso no setor petrolífero. *INEP*. 1, (5), 1-33.

Loureiro, V. (2018). A Pesquisa nas Ciências Sociais e Direito. Pará: Cultura Brasil.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2002). Fundamentos de Metodologia Científica (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

Marx, K. (1985). Capítulo VI Inédito de o Capital. São Paulo: Moraes Fontes.

Milanovic, B. (2017). A Desigualdade no Mundo: uma nova abordagem para a era da globalização. Lisboa: Actual.

Mescollotto, K. (2018). As Transformações do Modelo de Desenvolvimento e a Internacionalização do Capital Produtivo Chinês (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <http://file:///C:/Users/Dell/Documents/consultas/China/Dissertacao%20final%20KM.pdf>.

Oliveira, C. (1993). China: Superpotência do século XXI. Rio de Janeiro: Floglio.

Piketty, T. (2014). O Capital no Século XXI. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Schmidt, V. (2011). Modernização Global e Mudança de Pesos: como ascensão do restante do mundo. In T. Dwyer (Coord.), *Consensos e Controvérsias* (15-30). Porto Alegre: Tomo.

Silva Neto, V. (2019). Platform Capitalism. Revista Brasileira de Inovação. 18, (2), 449-454.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Andréa Bittencourt Pires Chaves – 100%